

Analistas não crêem em bloco de esquerda na AL

Kimberly White/Reuters

Thomas Skidmore e Fernando Abrúcio acham improvável que Lula forme frente com Chávez

SILVIO BRESSAN

A eventual vitória de Lula pode representar uma reação aos efeitos da globalização, mas não deve criar nenhum bloco de esquerda na América Latina. Esta é a avaliação do cientista político da PUC e da Fundação Getúlio Vargas, Fernando Abrúcio, e do professor americano Thomas Skidmore, um dos brasilianistas mais conhecidos no

País. Eles não acham, por exemplo, que Lula vá organizar nenhuma frente com o presidente da Venezuela, Hugo Chávez. "Há um descontentamento com a política americana para o continente, mas isso é muito diferente de uma aliança de esquerda", avalia Abrúcio.

"A Venezuela é um caso único, porque lá houve um colapso financeiro, o sistema político é instável e existe a questão dos militares", compara Skidmore. "Nada disso acontece no Brasil e seria perigoso se Lula adotasse o comportamento populista de Chávez", adverte o brasilianista. Ele cita como

exemplo o salário mínimo. "Não acho que Lula vá querer dobrar o salário mínimo ou qualquer coisa do gênero, porque sabe das consequências", diz Skidmore. "É mais provável que faça mudanças em aspectos externos da política econômica."

Da mesma forma, Abrúcio acha que não há termos de comparação entre a situação do Brasil e da Venezuela, onde Chávez tem problemas com os militares e a imprensa, ou com qualquer outro país do continente. "Talvez o Chile tenha um sistema político mais organizado e parecido, mas os casos da Venezuela, Argentina,

Equador e Colômbia são muito diferentes", acentua.

De acordo com ele, os políticos desses países não conseguiram traduzir o descontentamento da população e isso criou um vácuo perigoso. Ao conversar com observadores desses países, que vi-

sitaram o Brasil no primeiro turno, Abrúcio lembra que eles estavam impressionados com os quatro principais candidatos. "Eles brincavam que trocariam todos os candidatos deles por qualquer um dos nossos", conta Abrúcio.

Ainda conforme o cientista político da PUC, o grau de desorganização do sistema parti-



Hugo Chávez: para Skidmore, seria perigoso petista adotar comportamento populista do chileno

dário nesses países é muito grande. "O caso de Chávez foi um golpe de Estado, num país com uma desagregação social muito grande, uma imprensa desorganizada e intensa pressão dos militares", destaca o professor da PUC. "No Brasil, não existe nada disso."

Por isso, ele até estranha algumas previsões apocalípticas de Washington, como a da formação de um "eixo do mal", com Cuba, Venezuela e Brasil. "É uma bobagem gigantesca e seria até divertida se a direita americana não fosse tão armada", anota, numa referência ao governo de George W.

Bush.

Neste cenário, o que Abrúcio prevê é uma negociação mais difícil para o Acordo de Livre Comércio das Américas (Alca), que já tem reuniões marcadas para o início do próximo ano. "Será mais difícil para todos, mas não me parece que o Brasil adotará uma política de confronto", diz o professor da FGV. "É mais provável que adote a política do morde e assopra, porque também interessa negociar com a Europa e a Ásia."

Nos Estados Unidos, segundo o professor Skidmore, também não existe preocupação

maior com uma possível onda de esquerda na América Latina. "Vejo uma reação contra o neoliberalismo, uma desilusão com os problemas da dívida externa, mas o que é a esquerda hoje?", pergunta o professor americano. "A reação latino-americana era inevitável, mas o muro de Berlim já caiu e não acho que Lula tenha interesse em reerguê-lo", ironiza.

O que Lula, eleito presidente, terá de fazer, segundo Skidmore, é agir com cuidado nas primeiras semanas. "Tem de baixar a estrela vermelha", recomenda Skidmore. "De qualquer forma, vejo em Lula muito

mais desejo de fazer reformas burguesas do que em promover qualquer mudança radical."

Devedor – Do mesmo modo, ele sugere comportamento semelhante ao presidente americano. "O Bush também deveria ficar calado, porque sutileza nas relações exteriores não é seu forte", diz o brasilianista. "Seus assessores são muito conservadores e um acirramento seria ruim, porque o Brasil é um grande devedor", continua. "Bush deve deixar os problemas do Brasil para os brasileiros resolverem."

Para Abrúcio esse também deve ser o interesse dos partidos brasileiros que forem para a oposição, como o PSDB, PFL ou o PMDB. "Um fracasso retumbante de Lula não vai favorecer esses partidos, mas uma oposição mais populista e aventureira", alerta. "Não vai ser lucro para (José) Serra, mas para um (Anthony) Garotinho ou César Maia."

De qualquer forma, Abrúcio não acredita que Lula ou mesmo um novo governo argentino, a ser eleito no próximo ano, adotem posições mais radicais. "Na oposição, o partido pode prometer muita coisa, mas na hora de governar a esquerda tem tido um comportamento mais pragmático", observa. Até porque, acrescenta ele, não se pode hoje agir de maneira isolada, ainda mais quando se trata dos Estados Unidos. "Para o mundo todo é muito difícil negociar com o Bush", ressalta Abrúcio. "Só que não dá para não negociar com ele." Esses dinossauros que estão ainda em Washington.